



ISSN: 2230-9926

Available online at <http://www.journalijdr.com>

IJDR

International Journal of Development Research

Vol. 11, Issue, 04, pp. 46146-46151, April, 2021

<https://doi.org/10.37118/ijdr.21612.04.2021>



RESEARCH ARTICLE

OPEN ACCESS

AS PERCEPÇÕES E DIFICULDADES DO ADULTO NA COMUNICAÇÃO DA MORTE À CRIANÇA

Katylla Amanda Gomes Costa¹, Ellen Fernanda Klinger², Daniela Ponciano Oliveira³, Daniely de Sousa Prado⁴, Lohanny Alessandra Gonçalves Pereira⁴, Davi Arantes Barros⁴ e Rebeca Rezende Rosário⁴

¹Psicóloga, Especialista em Psicologia da Saúde, Psicóloga do Instituto Isaac, Hospital Regional de Gurupi; ²Doutora em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica do Goiás, Docente do Departamento de Psicologia da Universidade de Gurupi; ³Psicóloga, Mestranda em Psicologia pela Universidade Federal do Pará; ⁴Discentes do curso de Psicologia da Universidade de Gurupi

ARTICLE INFO

Article History:

Received 27th January, 2021

Received in revised form

28th February, 2021

Accepted 07th March, 2021

Published online 22th April, 2021

Key Words:

Luto; Comunicação; Atitudes frente à morte; Estratégias; Família; Criança.

*Corresponding author:

Katylla Amanda Gomes Costa,

ABSTRACT

Falar sobre a morte com crianças não é tarefa simples, visto que o tema é cercado de angústias próprias a natureza humana. Diante disso, a pesquisa partiu do pressuposto de averiguar como ocorre a comunicação à criança da morte de pessoa a qual tivesse vínculo afetivo, tendo como objetivo de investigar as percepções e dificuldades enfrentados pelos adultos ao noticiar a morte. Participaram da pesquisa seis responsáveis e foram realizadas entrevistas abertas, transcritas e analisadas a partir da identificação de categorias recorrentes no discurso. Destacou-se a percepção das participantes de estarem passando por um período confuso e dolorido ao se depararem em noticiar a morte para a criança; a dificuldade em tocar no assunto ou mesmo falar a palavra morte; todas referiram mudanças de comportamento nas crianças, sendo que cinco delas observaram isolamento e choro frequente; a fantasia e religião apareceram como explicação sobre a morte. Ainda existem muitos questionamentos e desconfortos em tratar do assunto morte com crianças.

Copyright © 2021, Katylla Amanda Gomes Costa et al, This is an open access article distributed under the Creative Commons Attribution License, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original work is properly cited.

Citation: Katylla Amanda Gomes Costa, Ellen Fernanda Klinger, Daniela Ponciano Oliveira, Daniely de Sousa Prado, Lohanny Alessandra Gonçalves Pereira, Davi Arantes Barros e Rebeca Rezende Rosário, 2021. "As percepções e dificuldades do adulto na comunicação da morte à criança", *International Journal of Development Research*, 11, (04), 46146-46151.

INTRODUÇÃO

Amorte sempre se fez presente no cotidiano como um processo natural do desenvolvimento humano. Contudo, apesar desse conhecimento a existência da morte é negada pela cultura ocidental moderna, uma vez que a mesma conduz como paradigma científico o modelo biomédico, de modo a imprimir uma separação radical tanto entre a vida e a morte quanto entre o doente e a doença (COMBINATO & QUEIROZ, 2011). A morte carrega em si um significado e sentido pessoal e cultural, não ocorrendo uma forma de pensar, sofrer e enfrentar a morte que seja igual em todas as épocas e por todos os lugares. A única convergência é com relação a sua existência, onde, ironicamente, o verbo existir carrega o sentido de vida: a morte faz parte da vida (KLINGER et al. 2021). No decorrer do desenvolvimento humana a morte é compreendida de forma dinâmica e, conforme estudos, o entendimento da extensão da morte sofre alterações durante a maturação cognitiva e biológica (TORRES, 2012), entretanto, ressalta-se que existe discernimento pela criança sobre a morte e a compreensão, bem como a intensidade do sentir a morte, do pesar pela perda pode ser tão ou mais intensa quanto do adulto (BOWLBY, 2004). Corroborando, para Torres (2012) existem semelhanças entre o luto do adulto e o luto vivenciado pela criança, com reações bastante peculiares, em ambas as fases. De acordo com Vendruscolo (2005) os assuntos sobre morte e criança aparentam ser

contraditórios, uma vez que, a morte é vista distante do mundo infantil, como se o fato não se ocupasse da vida durante a infância em nenhuma espécie de aproximação. Diante disso, algumas concepções são tomadas de formas equivocadas pelos adultos, como a omissão, invenção de histórias, dentre outros, favorecendo atitudes consideradas inadequadas perante as crianças que experienciam momentos e situações relacionados à morte. Ainda, os adultos buscam evitar o diálogo sobre a morte, por acreditarem que tal comportamento irá diminuir o sofrimento que estão sentindo e poupar as crianças (KLINGER, et al., 2021). Suavizam o assunto com conversas mais agradáveis e historinhas que substituem o tema morte, porém confundem ainda mais as crianças (VENDRUSCOLO, 2005).

Para as crianças a elaboração do luto é processada durante a sua estruturação psíquica, em momentos diferentes da sua vida, a medida que vai construindo significados daquilo que viveu, pelo fato de terem maior dificuldade cognitiva para conceituar a perda (FRANCO & MAZORRA, 2007). Nessa perspectiva Cavalcanti et al. (2013), conceituam o luto como a perda de uma ligação bastante significativa entre uma pessoa e seu objeto. A ideia de luto não está ligada somente ao princípio da morte, o enfrentamento das sucessivas perdas reais ou simbólicas durante o desenvolvimento humano também se faz presente nesse processo. Portanto, é importante que as crianças percebam e tenham o conhecimento de que na vida sempre haverá

perdas, por mais difícil e doloroso que seja elas sempre irão existir (OLIVEIRA, et al., 2020). Este processo é natural do nosso desenvolvimento, porém é válido ressaltar que nem por isso o que foi perdido necessariamente deixa de existir dentro delas (YAMAURA & VERONEZ, 2016). Diante do assunto e das dificuldades da criança no processo do luto, a psicologia se faz presente e é de grande valia em casos de perdas. A ludoterapia é utilizada como a principal estratégia de intervenção para o luto infantil e, segundo Rocha e Barreto (2015), têm como objetivo proporcionar de forma saudável a capacidade da criança de resolução de seus problemas, de ser ela mesma, para que não se sinta pressionada e nem obrigada a mudar ou agir diferente (KLINGER, et al., 2020). Apesar das dificuldades que muitos adultos encontram ao noticiar o fato, a comunicação da morte de alguém próximo e com vínculo afetivo à criança é imprescindível e deve ter alguns cuidados básicos por parte do comunicador. É importante que a comunicação seja realizada por alguém com quem a criança tenha fortes laços de afetividade, e deve ser adequada ao seu nível de compreensão. No momento atual, marcado por milhões de mortes no mundo devido a pandemia provocada pelo vírus SARS-Cov2, falar das perdas e do luto pelas vidas perdidas ou a constante ameaça da morte pela doença é recorrente nas discussões sociais, acadêmicas e profissionais, o que vem a reforçar a importância e delicadeza da comunicação sobre a morte com a criança. Dessa forma, objetivou-se investigar as percepções e principais dificuldades enfrentadas pelos adultos ao noticiar e falar da morte de pessoa com a qual a criança tivesse vínculo afetivo como familiares próximos ou laços de amizade.

METODOLOGIA

Esta pesquisa caracteriza-se como aplicada, descritiva-exploratória, de natureza qualitativa, desenvolvida a campo e de forma transversal. A coleta de dados da pesquisa iniciou em Abril de 2019 após a aprovação no Comitê de Ética em Pesquisa Envolvendo Seres Humanos, com parecer nº 3.266.851, CAAE 08460819.3.0000.5518. A mesma foi realizada no município de Gurupi - TO, através de entrevistas com seis (06) participantes voluntárias, todas do sexo feminino, responsáveis pelas crianças que vivenciaram a perda, sendo que, a faixa etária de idade das crianças foi de 6 (seis) a 10 (dez) anos de idade. Incluiu-se na amostra adultos com vínculo familiar com a criança; que aceitaram participar da entrevista; concluíram a mesma; e, que a morte do ente querido tenha ocorrido há no máximo um ano (12 meses) devido a esse ser usualmente o momento em que o luto estaria mais agudo (FRANCO & MAZORRA, 2007). Foram excluídos os participantes com algum comprometimento que impedia a comunicação com a pesquisadora, como não conseguir verbalizar ou compreender algumas perguntas; participantes que não manifestaram interesse sobre o tema abordado ou que desistissem da pesquisa após ter assinado o termo de consentimento livre e esclarecido.

As participantes da pesquisa foram localizadas através da divulgação do projeto entre pessoas conhecidas, por meio de indicações de pessoas que conheçam algum caso que se encaixa com os objetivos da pesquisa e o perfil procurado. Tal tipo de amostragem é denominado de “bola de neve” e pode ser útil para pesquisar grupos difíceis de serem acessados (VINUTO, 2014). O local de realização das entrevistas foi o Serviço Escola de Psicologia – SEPsi, por dispor de espaço adequado para a coleta de dados. No entanto, salienta-se que a pesquisadora se dispôs a ir até as participantes caso as mesmas optassem pela entrevista em outro ambiente. Por se tratar de uma pesquisa qualitativa, foram utilizados para a coleta de dados entrevistas abertas, de forma a possibilitar a flexibilidade necessária em cada caso particular. As entrevistas foram gravadas em áudio diretamente no notebook, em arquivo MP4, com autorização das entrevistadas, a fim de facilitar a interação com os sujeitos investigados e fidedignidade das respostas para posterior análise dos dados. É relevante salientar que antes de iniciar a coleta foi realizado teste piloto com as questões disparadoras e uma voluntária que se encaixava no perfil da amostra, a fim de averiguar se as perguntas correspondiam ao que se propunha no estudo. Tal entrevista do teste

piloto não foi incorporada aos dados coletados e analisados. No primeiro momento da entrevista foram coletados dados a fim de caracterizar o perfil das participantes. Após, iniciou-se com duas perguntas livres disparadoras: “Eu gostaria que o senhor(a) falasse sobre a morte desse ente querido, focando principalmente de como essa notícia foi dada a criança” e, “gostaria também que relatasse quais foram as maiores dificuldades encontradas ao falar sobre o assunto com a criança”. As entrevistadas puderam responder livremente as questões. Na medida em que as informações foram fluindo de maneira autêntica, foram perpassados pontos considerados importantes na entrevista: quem comunicou; tipo de vínculo do comunicador com a criança; tempo decorrido da morte e a comunicação da mesma para a criança; quais estratégias foram utilizadas para a comunicação e as dificuldades encontradas; se as perguntas das crianças em relação ao fato eram respondidas; se os sentimentos foram compartilhados. Os pontos mencionados foram apenas norteadores, não constituíram em objetivo final da entrevista, mas visaram averiguar como a família comunicou a morte à criança e quais foram as maiores dificuldades. As entrevistas ocorreram de forma individualmente com cada familiar responsável pela criança que sofreu a perda.

Foi estabelecido o *Rapport* para minimizar algum desconforto, caso surgisse. A pesquisadora deixou claro que o sujeito não precisaria responder a qualquer pergunta, caso sentisse que seria muito pessoal ou originasse algum constrangimento em falar. Antes da coleta de dados realizou-se a leitura do Termo de Consentimento, o qual foi assinado por elas, em duas vias, ficando uma com as pesquisadoras e outra com o(a) participante. A duração da entrevista foi de aproximadamente 60 (sessenta) minutos. As entrevistas foram transcritas na íntegra e analisadas de acordo com os parâmetros de análise de conteúdo (BARDIN, 2011). Salienta-se que as pesquisadoras seguiram os princípios éticos, mantendo assim o sigilo e a identidade dos sujeitos da pesquisa. Conforme a Resolução 466/2012, priorizando a dignidade, a liberdade e a autonomia do indivíduo participante na pesquisa. Posteriormente as entrevistas foram transcritas na íntegra e analisadas. Nesta técnica, realizaram-se sucessivas leituras e releituras do material produzido, no intuito de identificar conteúdos emergentes nos relatos das entrevistadas e organizá-los de modo coerente com os objetivos da pesquisa. Desta forma, os dados brutos foram codificados de modo organizado, com escolha inicial das unidades de significação, Unidades de Registro, seguida pela sua codificação em Unidades de Contexto e, por fim a transformação em Categorias para tratamento e interpretação dos resultados.

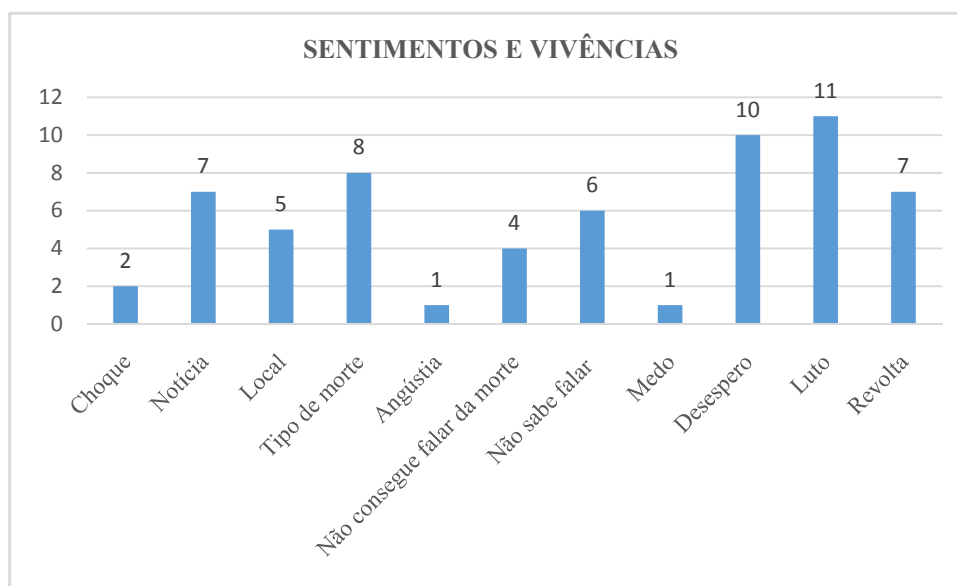
RESULTADOS E DISCUSSÃO

Este estudo buscou analisar junto às participantes residentes da cidade de Gurupi - TO, quais as percepções e conflitos na comunicação da morte à criança. O estudo contou com 6 (seis) participantes. Os dados sociodemográficos das participantes estão sintetizados abaixo na Tabela 1, com as variáveis: idade, escolaridade, vínculo com a criança, vínculo da criança com o falecido, tipo de morte, tempo da morte em meses e religião das entrevistadas. Os dados sociodemográficos da tabela, nortearam a pesquisa apontando os critérios de inclusão e exclusão da mesma. Na Tabela 1 é possível perceber 100% (6) participantes da pesquisa são do sexo feminino, com idade entre 24 e 52 anos. A partir da análise das entrevistas emergiram três categorias: Sentimentos e vivências; Percepção sobre a criança; e, Estratégias. Tais resultados da categorização da amostra, são abordados neste estudo separadamente, com a apresentação de vinhetas de falas das entrevistadas e correlações do empirismo com as teorias. Mais adiante, apresentam-se as categorias, com seus recortes temáticos/ vinhetas. Bardin (2011) pontua que a “noção de tema” é característica principal da análise de conteúdo, “a unidade de significação que se liberta naturalmente de um texto analisado segundo certos critérios relativos à teoria que serve de guia à leitura” (BARDIN, 2011, p. 105). Ainda, elaboração textual das respostas dos entrevistados sofreu recortes em ideias, em enunciados e proposições constituintes de significados.

Tabela 1. Dados do perfil das entrevistadas

ENTREVISTADA						
DADOS	E1	E2	E3	E4	E5	E6
IDADE	24	38	52	27	29	40
Escolaridade	Fundamental	Fundamental incompleto	Fundamental incompleto	Médio Incompleto	Médio Completo	Superior
Vínculo com a criança	Mãe	Mãe	Avó	Mãe	Mãe	Mãe
Vínculo da criança com falecido	Sobrinho e neto	Filhas	Filha	Amigo	Amigo	Irmão
Tipo de morte	Acidente	Homicídio	Homicídio	Doença	Homicídio	Suicídio
Tempo /meses	11 e 6	4	9	1	11	12
Religião	Evangélica	Evangélica	Evangélica	Evangélica	Evangélica	Evangélica

Sentimentos e Vivências



Quadro 1. Categoria sentimentos e vivências diante do noticiar a morte

Diante da morte surgem inúmeras dificuldades relacionadas ao tema, entre elas, de não conseguir falar sobre o assunto. Sendo que na maior parte dos casos os adultos apresentaram dificuldades e insegurança em falar sobre a morte com as crianças, um elo de dúvidas surge quanto a melhor maneira de abordar a temática.

Eu não sei como explicar muito sabe. E4

Assim, conversar, a gente fala, eles perguntam o que aconteceu, a gente explica, mas assim, sentar e conversar mesmo... E1

[...] É até complicado para você falar, porque quando você passa por um processo desse, você perde até um pouco de ambiente né. De você vê o ambiente, porque na realidade você preocupa tanto com tudo, e você acaba que vai... [...] E6

Falar da morte não é uma tarefa fácil na cultura ocidental, visto o tema causar medos, ansiedades e inquietações. A expressão e o discurso popular garantem que a única certeza durante a vida é a morte, assim, muitas vezes evita-se o assunto. Dessa maneira, falar sobre tal questão implica angústia frente a essa condição, principalmente quando se trata de conversar e comunicar sobre o tema com a criança (SENGIK & RAMOS, 2013). Corroborando, no século XXI a sociedade tem se deparado com um paradoxo no que se refere ao tema morte e crianças, em que crianças são poupadas de ir a velórios e enterros, contudo, são expostos programas de televisão violentos que abordam a morte como evento banal. A sociedade contemporânea supõe que a criança não compreenda a morte, e encara tudo que lhe é associado como prejudicial a ela, mantendo um silêncio amedrontador (LIMA & KOVÁCS, 2011). No momento que é noticiada a morte, as crianças e as entrevistadas passaram por vários sentimentos, dentre eles, relataram a sensação de pânico e a angústia e desespero.

Foi, deu desespero, ai não teve como. E1

A minha menina maior chegou, ai elas viram eu correndo. Na hora que eu fui para vê, na esquina lá, eu sai desesperada, meu menino também saiu, ela viu aquela correria né, aquela angústia, aquele choro. E2

Ai acontece que eu cheguei em casa desesperada do trabalho. Ai eu já cheguei no portão quase desmaiando né e ai eu já falei: mataram seu pai minha filha. Ela entrou em pânico, paralisou totalmente, ai eu passei mal e fui para a UPA. Me levaram para a UPA, minha filha chegou lá e me levaram, daí foi por ai que ela soube né. E3

Independente do sexo, idade, nível sócio econômico e credo religioso, o medo de morrer atinge todos os seres humanos, sendo universal. O medo é a resposta psicológica mais comum perante a morte (KOVÁCS, 1992). A morte de uma pessoa significativa é uma perda irreversível que causa dor intensa às pessoas próximas. Sendo que, essa intensa dor acometem os adultos e as crianças. A possibilidade de elaboração saudável de um luto é influenciada pelas circunstâncias da perda. Vale ressaltar que o comunicante da morte á criança também passa por esse processo de sofrimento.

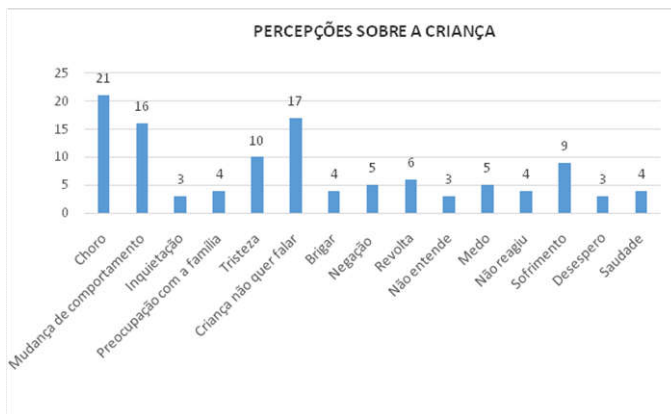
Independente do sexo, idade, nível sócio econômico e credo religioso, o medo de morrer atinge todos os seres humanos, sendo universal. O medo é a resposta psicológica mais comum perante a morte (KOVÁCS, 1992).

A morte de uma pessoa significativa é uma perda irreversível que causa dor intensa às pessoas próximas. Sendo que, essa intensa dor acometem os adultos e as crianças. A possibilidade de elaboração saudável de um luto é influenciada pelas

circunstâncias da perda. Vale ressaltar que o comunicante da morte à criança também passa por esse processo de sofrimento.

O processo do luto é vivenciado por cada pessoa de modo singular e diferenciado das demais, pois em cada caso há inúmeras variáveis envolvidas, como o tipo da morte e o grau de vínculo afetivo da pessoa com o falecido. Deste modo, não é possível estabelecer padrões para a maneira como cada ser humano reagirá à perda de um ente querido (FUJISAKA, 2009). Diante disso, apesar de doloroso, porque inclui a percepção da perda, o luto é necessário, pois é um processo que visa representar e acomodar esta perda.

Percepção da Entrevistada Sobre a Criança



Quadro 2. Categoria percepções das entrevistadas sobre a criança

Nas entrevistas realizadas, as participantes relataram percepções que tiveram sobre a criança após o falecimento de um ente querido. Segundo as mesmas, as crianças tiveram mudanças de comportamentos significativas, como mostram os relatos abaixo:

[...] voltou muito mudado, nervoso. Ele tipo, a gente vai fazer tarefa com ele e ele não quer fazer a tarefa, vai para debaixo da mesa e vai chorar, e eu não sei como eu faço, porque ele estava aprendendo 100% e agora não está desenvolvendo mais nada, ele não sente vontade nenhuma mais de fazer tarefa. E1

Ela era uma menina mais animada, mais feliz, hoje eu sinto ela uma menina mais triste, nem todos os dias, tem dias sim, dias não. E3

Então isso mexeu demais com ele. Ele chorou nesse dia que o menino faleceu, ele chorou bastante, aí foi o tempo que ele começou a ficar “ruinzinho” né. E5

É com certeza teve mudanças né, eles ficaram muito apreensivos quanto ao acontecimento né, a preocupação de saber porque aconteceu, onde que ele estava e tal, porque que aconteceu aquilo, aconteceu isso porque ele estava com pessoas ruins, então a gente sempre ouvia um questionamento bem isolado deles. E6

É perceptível na fala das entrevistadas que há ocorrências de alterações de comportamento nas crianças a um acontecimento como este, sendo que tais mudanças podem variar de acordo com o nível que a criança foi exposta ao ocorrido. Nas vinhetas abaixo, as crianças estavam próximas no momento que a família soube da morte e presenciaram todo o impacto inicial da notícia.

[...] Ela viu aquela correria né, aquela angústia, aquele choro [...]. E1

Foi aquele pânico né, na hora a minha menina chegou apavorada falando né, aí entrou em desespero. E2

[...] Aí eu já cheguei no portão quase desmaiando né, aí eu já falei: mataram seu pai minha filha; aí ela entrou em pânico, paralisou totalmente [...]. E3

Outro aspecto importante é a idade e a capacidade que a criança tem em perceber a situação e a rede de suporte que a criança tem nesse momento. Nesse caso se torna importante que os pais estejam atentos aos comportamentos emitidos pelos filhos que indiquem que é necessário a ajuda de um profissional. Torres (2012) divide a evolução da percepção da morte pela criança em subperíodos/estágios de desenvolvimento. No subperíodo pré-operacional as crianças não estabelecem claramente a oposição entre animados e inanimados, admitem vida na morte e não compreendem a morte como um processo definitivo e irreversível. No subperíodo de operações concretas progredem na capacidade para distinguir entre animados e inanimados, fazem oposição entre a vida e a morte, definem a morte a partir de aspectos perceptivos, compreendem a morte como uma condição definitiva e permanente. Por fim, no subperíodo operatório formal estabelecem claramente a ampla distinção entre animados e inanimados, reconhecem a morte como extensiva a todos os seres animados e dão explicações biologicamente essenciais. Bromberg (2000) faz algumas considerações gerais acerca do luto infantil e as reações da criança, as quais podem ser feitas com base em padrões de desenvolvimento cognitivo e emocional nos diferentes estágios da infância, abordando a qualidade e a natureza do suporte que poderá ser oferecido à criança nessas situações. O processo de luto, que se desenvolve habitualmente ao longo de fases características, é a reação de adaptação a uma perda significativa. Kubler-Ross (1996), identificou cinco fases nesse processo: negação, raiva, barganha, depressão e aceitação faz parte desse processo. Sendo que, diante do luto apresentam-se vários sentimentos, principalmente nas crianças pela dificuldade às vezes de conseguir expressar verbalmente o que está sentido. Esses sentimentos podem vir acompanhados de choro, tristeza, nervosismo, desespero diante da notícia.

[...] Quando essa professora falou para desenhar as duas avós, minha filha, a menina pegou esse livro dela e jogou no chão e começou a chorar, ela rasgou o livro todinho [...]. E1

[...] Aí no velório ela sofreu muito sabe, ela chorava, ela gritava, ela ficava desesperada. E2

[...] Muita tristeza assim, parece que ela carrega uma tristeza muito grande [...]. E3

Quando ele foi orar, começou a orar pelo coleguinha e começou a chorar... Aí na hora que ele falou assim: cuida do P. coloca ele em um bom lugar; aí ele começou a chorar [...]. E4

[...] Eu acho assim, uma piora no C5 no jeito dele. Se fechou demais, calou e chorava também, por coisa besta ele chorava [...]. Devido ao acontecido né, que a gente começou a perceber que o C5 quando fica nervoso, ele fica ruim, começa a sentir vontade de vomitar, essas coisas, aí a gente viu o nervosismo também [...]. E5

A experiência da criança com a morte vai além da influência do seu desenvolvimento cognitivo, pois as representações formais à disposição na cultura também estão relacionadas no que tange a elaboração do conceito da mesma. Até certa idade, as crianças não conseguem compreender os aspectos centrais relacionados ao assunto, o que torna de suma importância que os adultos disponibilizem informações verdadeiras e adequadas ao entendimento infantil (VON HOHENDORFF & MELO, 2009). Além dessas percepções e sentimentos apresentados, durante as entrevistas foi identificada pelas entrevistadas a dificuldade da criança em falar sobre a morte da pessoa com vínculo afetivo. Segundo os relatos, as crianças negavam em falar sobre a morte ou sobre a pessoa que faleceu, pois o assunto trazia sofrimento e angústia.

[...] Parece que ela sente assim, alguma coisa que ela não gosta de ouvir, ela sai ou muda de assunto; ela não gosta, as vezes lá em casa chega alguém e começa a falar sobre ele, aí logo ela muda de assunto ou sai de perto, parece que não quer ouvir falar assim, não sei porque, talvez não sente bem né, aí tristeza... [...]. E3

[...]Eu já percebi que ele nunca gostou de falar de morte; eu já percebi que quando ele tá passando por alguma coisa que incomoda ele, ele não gosta muito de se abrir, ele prefere não falar [...]. E4

A forma de a criança expressar e organizar sua compreensão e seus sentimentos tem relação ao seu desenvolvimento afetivo e cognitivo (VENDRUSCOLO, 2005). Diante disso, a forma que a criança irá compreender a morte dependerá em qual idade se encontra.

Segundo Lima (2007, p. 32):

Atualmente, o consenso em torno da elaboração do luto parece residir na capacidade de vivência e expressão dos sentimentos do enlutamento. Portanto, crianças que perderam um ente querido devem ser encorajadas a dar voz a seus sentimentos. Ocorre que, em função da falta de maturidade e habilidade de comunicação, além de uma maior dificuldade para significar a perda, a criança pode ter dificuldade de expressar o que sente em palavras e, usualmente, exprime sua dor por meio da dor corporal, irritabilidade e comportamento agressivo.

Pode-se perceber nas entrevistas, cujo falecido é o genitor, que a perda desse familiar gera inúmeras emoções na criança. Sendo que, uma das experiências mais traumatizantes que a criança pode vivenciar é a morte de um genitor, ou seja, pai e mãe. Morre junto com os pais a ilusão narcísica da onipotência infantil no momento que as mesmas se fazem necessárias como fonte de segurança. Na ausência irreversível do vínculo fornecedor de sustentação, a criança se sente desamparada e impotente (FRANCO & MAZORRA, 2007). Deste modo, a criança pode apresentar falas, pensamentos e atitudes que explica o que foi mencionado acima:

[...] Esses dias ela falou assim pra mim: aí mãe parece que eu ouvi meu pai me chamando [...]. E2

[...] Inclusive ela não quer que tira a roupa do pai dela do guarda-roupas, não quer de jeito nenhum, tem aquele ciúmes sabe, dos trem dele. E2

[...] A C3, porque de repente ela fala: aí que saudades do meu pai, queria tanto vê ele [...]. E3

Enfim, o processo de luto só estará finalizado quando a paz interna existir mesmo sem a presença da pessoa perdida, havendo um espaço adisposição para outras relações. Através dos jogos e brincadeiras a criança pode simbolizar esta ausência/presença (KOVÁCS, 1992; LIMA & KOVACS, 2011).

Estratégias Utilizadas pelo adulto para falar sobre a morte

É importante saber a maneira de abordar a morte com as crianças, pois deve estar de acordo com seu desenvolvimento e compreensão. Alguns adultos podem adotar atitudes de negar explicações relacionadas ao tema como forma de afastar magicamente, assim utiliza estratégias de contar histórias e busca subterfúgios para evitar ao máximo de falar sobre o tema com a criança. Essa atitude poderá trazer consequências de modo a minimizar o significado ativo que a morte tem durante o desenvolvimento emocional, social e cognitivo da criança. Esconder a verdade das crianças pode causar perturbações a respeito do processo de luto e sua relação com o adulto, uma vez que, a criança também gostaria de negar a morte, mas quando o acontecimento e os fatos entram em contradição sobre o que a ela foi informada, a mesma fica inteiramente frustrada e perturbada. A negação é a primeira reação diante da perda de uma pessoa próxima e amada, e se o adulto reforça a atitude de ocultar, se torna complicada a transição de fases do luto (KOVÁCS, 1992).

Agora do segundo, eu vim conversando, porque eles vinham da escola e voltavam comigo. Aí eu vinha conversando: é porque o tio machucou e nós vamos ter que ir para Goiânia. Tipo assim,

eu não falei que ele faleceu, que ele morreu em momento nenhum, só fui conversando. E1



Quadro 3. Categoria estratégias utilizadas pelas entrevistadas para comunicar a morte a criança

É importante que os adultos evitem criar diálogos que reforcem o imaginário ou diálogos que levem a pensamentos mágicos para tratar do assunto. Alguns vocabulários são muito utilizados quando se refere em comunicar a criança acerca do falecimento de alguém, como por exemplo: ele agora virou uma estrelinha no céu ou ele foi morar com Deus. Isso faz com que a criança crie fantasias na sua mente em relação à morte.

[...] Ele pegou e viu todo mundo chorando; aí eu falei que a vovó tinha ido morar com o papai do céu [...]. E1

[...] Não tem isso, seu pai está lá no céu com Jesus [...]. E2

Eu conversei com ele e falei: Olha, meu filho, às vezes Deus precisa daquelas pessoas eee ele leva né, pra que possam ajudar ele lá no Céu. ele (criança que faleceu) agora tá morando num lugar eee é assim, a vida é assim, a gente nasce, cresce e morre. Tem pessoas que morrem antes de, antes da época. Pra gente é antes, mas pra Deus tá na data certa. E4

A gente sempre falava, o K. agora ele está morando com papai do céu, agora ele está em uma outra vida, ele tá lá uma estrelinha no céu, ele tá lá. E6

Sengik e Ramos (2013) enfatizam que a justificativa do adulto em silenciar o assunto será evitar o sofrimento da criança, com a ilusão que ela não compreenderia nada a respeito, o que acaba inibindo a curiosidade, os sentimentos e os questionamentos da criança. Os autores destacam que falar sobre o tema não irá aumentar a dor da perda, ao contrário, tende a diminuir, e consequentemente auxilia a criança na elaboração de seu luto. Diante disso, alguns questionamentos também podem surgir:

Ele virava para um lado, virava pro outro e falava para mim: mais porque mãe? Porque tinha que ser o P.? Porque logo ele?. E4

[...] Eles ficaram muito apreensivos quanto ao acontecimento né, a preocupação de saber porque aconteceu, onde que ele estava e tal, porque que aconteceu aquilo, aconteceu isso porque ele estava com pessoas ruins, então a gente sempre ouvia um questionamento bem isolado deles [...]. E6

A criança acredita que o adulto possa lhe dizer o que aconteceu, e espera uma resposta. Defato, é importante explicar que a morte é um fenômeno irreversível, que a pessoa que faleceu não voltará à vida. Diante dessa problemática o adulto tem um bloqueio e dificuldade em lidar com a palavra morte pelo conteúdo e sentimento provados não apenas na criança, como também nele (SENGIK; RAMOS, 2013). A irreversibilidade da morte necessita ser pontuada pelo adulto. Explorar e tentar responder às perguntas das crianças sobre a morte é

mais adequado do que inventar eufemismos ou criar ilusões que confundam ainda mais seus pensamentos (SENGIK & RAMOS 2013, p. 381). Portanto é possível abordar de forma adequada o tema, ressaltando que as informações venham acompanhadas de explicações e reflexões.

Considerações Finais

A finitude é inerente à existência de todos os seres vivos e, apesar da única certeza na vida ser a morte, falar sobre a mesma, pode causar desconforto, angústias, medo, insegurança e resultar na esquivança a este assunto. Falar da morte com crianças parece ser algo mais complicado ao adulto, pela compreensão de que as crianças não estão emocionalmente preparadas para abordar sobre o assunto. Na investigação proposta pela pesquisa constatou-se os adultos entrevistados apresentaram dificuldades na comunicação com a criança diante da situação envolvendo a perda por morte. A reação imediata da maioria das crianças a comunicação da morte foi de choro e desespero e nos casos em que a comunicação foi bloqueada, o indizível teve mais chances de se manifestar por meio de comportamentos destrutivos da criança. Percebe-se o quão difícil é a tarefa de ter que notificar a uma criança sobre a morte de um ente querido e os resultados demonstraram que algumas comunicantes, conseguiram noticiá-la com mais facilidade; outras, padeceram de um sofrimento intenso, paralisadas em sua própria dor, e o desespero diante da notícia, com maiores dificuldades em oferecer toda a disponibilidade que uma criança necessita naquele momento. Na maioria dos casos deste estudo, a comunicação chegou até a criança no momento do ocorrido, de forma despreparada em meio à angústia e ao desespero dos adultos. Tal aspecto denota que, diante dessa fragilidade no sistema familiar, que deve ser visto como um todo, que se coloca a necessidade do apoio da família extensa, amigos, comunidade, entre outros.

Após o fato e da notícia, os adultos utilizaram a religião como forma de explicar a morte à criança, sendo que em alguns casos histórias mágicas também foram utilizadas, com o intuito de diminuir a dor das crianças e responder aos seus questionamentos referentes à morte da pessoa querida. Sendo que, em alguns casos, as crianças preferiram o silêncio em torno da morte, não gostavam de ouvir falar sobre o assunto, se esquivavam, pois lhe causava sofrimento e angústia. Os adultos diante das dificuldades encontradas, podem utilizar algumas estratégias voltadas as crianças, podem ser um bom ouvinte, promover uma comunicação aberta e adequada aos níveis de compreensão da criança, trabalhar as fantasias com relação à morte, permitir expressões de tristezas, medos, angústias, nervosismo, e se necessário buscar uma rede de apoio. A utilização diálogos francos e claros, através de informações verdadeiras e honestas, inserindo a construção do conceito de morte como algo natural do desenvolvimento humano são recomendáveis para a comunicação e explicação do adulto com a criança. O comunicador ou ouvinte deve estar aberto para esclarecimentos de dúvidas e uma escuta sensível, que possa permitir a expressão dos diversos sentimentos que acometem uma criança nessas situações, respeitando as capacidades cognitivas e emocionais das crianças.

REFERÊNCIAS

- BARDIN, Lawrence. Análise de conteúdo. São Paulo: Edições 70, 2011, 229 p.
- BROMBERG, M. H. P. F. A psicoterapia em situações de perdas e luto. Campinas, SP: Livro Pleno 2000.
- CAVALCANTI*, A. K. S.; SAMCZUK, M. L.; BOMFIM, T. E. O conceito psicanalítico do luto: uma perspectiva a partir de Freud e Klein. *Psicol. inf.* [online]. 2013, vol.17, n.17, pp. 87-105. ISSN 1415-8809. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-88092013000200007>.
- COMBINATO, D. S.; QUEIROZ, M. D. S. Um estudo sobre a morte: uma análise a partir do método explicativo de Vigotski. *Ciênc. saúde coletiva* [online]. 2011, vol.16, n.9. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232011001000025>.
- FRANCO, M. H. P.; MAZORRA, L. Criança e luto: vivências fantasmáticas diante da morte do genitor. *Estud. psicol. (Campinas)* [online]. 2007, vol.24, n.4. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/estpsi/v24n4/v24n4a09.pdf>>.
- FUJISAKA, A. P. Vivência de luto em adultos que perderam a mãe na infância. 2009. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47131/tde-15122009-093804/publico/Mestrado_Fujisaka.pdf>.
- KLINGER, E. F., BARCELOS, G. V., AZEVEDO, W. A., & OLIVEIRA, D. P. (2020). O brincar como recurso de promoção à saúde em psicoterapia. *ECOS-Estudos Contemporâneos da Subjetividade*, 10(1), 145–155, 2020.
- KLINGER, E. F., MIRANDA, F. J., OLIVEIRA, D. P. O luto na infância: uma revisão sistemática. *International Journal of Development Research*, 11, (03), 44957-44962, 2021. Disponível em: <http://journalijdr.com/sites/default/files/issue-pdf/21314_0.pdf>.
- KOVÁCS, M. J. Morte e desenvolvimento humano. São Paulo: Casa do Psicólogo: Ltda, 1992. 132 p.
- KÜBLER-ROSS, E. Sobre a morte e o morrer. 7. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1996. 119 p. Tradução de: Paulo Menezes.
- LIMA, V. R. de.; Morte na família: um estudo exploratório acerca da comunicação à criança. 2007. Disponível em: <[file:///C:/Users/user/Downloads/LimaDissertacao%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/user/Downloads/LimaDissertacao%20(1).pdf)>.
- LIMA, V. R. de.; KOVÁCS, M. J.; Morte na Família: Um Estudo Exploratório Acerca da Comunicação à Criança. 2011. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pcp/v31n2/v31n2a14.pdf>>.
- OLIVEIRA, D. P. et al. A criança e a morte: um estudo acerca do lúdico no processo de luto infantil”, *International Journal of Development Research*, 10, (10), 41120-41124, 2020. Disponível em: <<https://www.journalijdr.com/sites/default/files/issue-pdf/19773.pdf>>.
- PAIVA, L. E. A arte de falar da morte para crianças. 4. ed. São Paulo: Ideias e Letras, 2011. 238 p. Disponível em: <http://www.espiritualidades.com.br/Artigos/P_autores/PAIVA_Lucelia_Elizabeth_tit_A%20arte%20de%20falar%20da%20morte%20para%20criancas.pdf>.
- ROCHA, M. V.; BARRETO, J. B. M. A ludoterapia no processo do luto infantil: um estudo de caso. 2015. Disponível em: <https://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:eciu8LGqDTkJ:https://editora.unoesc.edu.br/index.php/pp_ae/article/download/8555/4943+&cd=1&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br>.
- SALVAGNI, A. et al. Reflexões acerca da abordagem da morte com crianças. *Mudanças: Psicologia da Saúde*, v. 21, n. 2, p. 48-55, 2013. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.15603/2176-1019/mud.v21n2p48-55>>.
- SENGIK, A. S.; RAMOS, F. B. Concepção de morte na infância. *Psicologia & Sociedade*, v. 25, n. 2, p. 379-387, 2013. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/psoc/v25n2/15.pdf>>.
- TORRES, W.C. A criança diante da morte: desafios. 4ª ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2012.
- VENDRUSCOLO, Juliana. Visão da criança sobre a morte. 2005. Disponível em: <http://revista.fmrp.usp.br/2005/vol38n1/3_visao_crianca_sobre_morte.pdf>.
- VINUTO, J. A amostragem em bola de neve na pesquisa qualitativa: um debate em aberto. *Temáticas*, v. 22, n. 44, p. 203-220, ago./dez. 2014.
- VON HOHENDORFF, J.; MELO, W. V. de. Compreensão da morte e desenvolvimento humano: contribuições à psicologia hospitalar. *Estud. Pesqui. Psicol.*, v. 9, n. 2, 2009. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-42812009000200014&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt>.
- YAMAURA, L. P. M.; VERONEZ, F. de S. Comunicação sobre a morte para crianças: estratégias de intervenção. *Psicologia Hospitalar*, v. 14, n. 1, p. 79-93, 2016. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/ph/v14n1/14n1a05.pdf>>.